# A pedra fundadora da sociologia da ciência - 05/04/2022

\_Visa conceituar o reportório usado por Merton ao inserir a ciência como  
objeto de investigação sociológica\*\*[i]\*\*\_  
  
Shinn e Ragouet conceituam a abordagem de uma ciência funcionalista e  
estratificada como tendo uma perspectiva sociológica diferenciacionista. Isso  
porque, nessa visão, não basta, por exemplo, elencar os pais da ciência  
moderna ou as teorias científicas, suas ideias e fatos, já que tudo isso, por  
si só, não explica o desenvolvimento da ciência. Para o sociólogo da ciência,  
dentro da perspectiva funcionalista, é recorrendo ao processo de  
institucionalização da ciência, com suas normas e um sistema de retribuição,  
que se pode explicar a existência da ciência.  
  
A sociologia da ciência nasce a partir da tese de doutorado de Robert Merton,  
em 1938, que analisa, de um ponto de vista sociológico, a revolução científica  
que ocorreu no final do século XVII, na Inglaterra. Naquele contexto, segundo  
Merton, a ciência surge como um subsistema social quase autônomo, baseado em  
valores e normas específicos que demarcam suas fronteiras. Há organismos como  
a Royal Society, fundada em 1662, que constituem uma comunidade científica  
dividida em papéis científicos que subordinam as descobertas e teorias  
científicas, fazendo com que os trabalhos de cientistas como Newton e Boyle  
sejam insuficientes para operar a transformação do modo de conhecimento da  
sociedade.  
  
Ora, a Royal Society Londrina é um espaço que permite o estabelecimento de  
procedimentos, modelos de excelência e protocolos de avaliação que trazem a  
profissionalização científica e, com isso, sua autonomia. Porém, há dois  
fatores da época que impulsionam a ciência: por um lado, as transformações  
econômicas de uma nação que tem ambições imperialistas fazem com que a ciência  
responda a desafios tecnológicos; por outro, o puritanismo inglês que, embora  
não sendo uma condição social necessária, conjuga valores com a ciência, como:  
revelar a ordem da natureza que seria reflexo da ordem divina, se orientar por  
atitudes como rigor, esforço e aprendizado, pelo conhecimento, reflexão e  
crítica, além da noção de realização material. Tudo isso gera um ambiente  
ideológico que favorece o florescimento da ciência.  
  
E são as instituições, academias de ciências que também aparecem em outros  
países que trazem um papel regulador dos critérios de certificação científica  
e validação, bem como um sistema de retribuição e premiação que instaura uma  
hierarquia dentro das comunidades científicas tornando a ciência sistema  
distinto e relativamente autônomo, que pode resistir à intrusões e pressões de  
atores políticos e econômicos.  
  
Para Merton, a comunidade científica se divide em quatro papéis: a maior parte  
entre \_pesquisadores\_ e \_professores\_ (pesquisa e ensino), os mais seniores  
mais participantes da \_administração\_ e o papel de \_sentinela\_ que é  
compartilhado por todos e diz respeito à definição da orientação da pesquisa,  
avaliação dos resultados e controle dos atores. Em um artigo de 1942, Merton  
define as quatro normas que constituem o \_ethos\_ da ciência: o \_universalismo\_  
, referente aos critérios impessoais que devem ser perseguidos pelos  
cientistas; o \_comunalismo\_ , que visa o bem público e contrário à ideia de  
propriedade intelectual; o \_desinteresse\_ , isto é, procura pela verdade,  
honestidade e intersubjetividade; e o \_ceticismo organizado\_ que rejeita a  
autoridade e aberto a críticas.  
  
São essas normas que fazem da ciência um sistema distinto assegurando-lhe  
estabilidade e regulação. Isto, segundo alguns diferenciacionistas, seriam  
normas da ciência pura em oposição à ciência aplicada guiada pela patente ou  
segredo industrial inserida em um sistema autoritário de relações e sob a  
forma de uma expertise técnica destinada a resolver problemas pontuais  
associados ao lucro empresarial. Porém, enfatizam os autores, nem sempre os  
pesquisadores se guiam por tais normas citando como exemplo o Projeto Apolo,  
nos anos 60, no qual os cientistas eram movidos pelo ganho pessoal e ambição,  
colocando em dúvida a existência do ethos científico. Então, elas tenderiam a  
serem normas mais ideais do que operatórias.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] \_Controvérsias sobre a ciência: por uma sociologia transversalista da  
atividade científica\_. Terry Shinn e Pascal Ragouet. Tradução de Pablo Rubén  
Mariconda e Sylvia Gemignani Garcia. São Paulo: Associação Filosófica  
Scientiae Studia: Editora 34, 2008. Páginas 14 a 23.